

# O museu de sítio arqueológico como lugar de sociabilidades e instrumento pedagógico: os investigadores e a formação da população e dos públicos

Miguel Pessoa \*, Sandra Steinert Santos \*\* e Lino Rodrigo \*\*\*

## Resumo

A presente reflexão aborda algumas particularidades das experiências museais de Conimbriga/Condeixa-a-Velha e do Rabaçal, respectivamente nos concelhos de Condeixa-a-Nova e Penela, Distrito de Coimbra.

São museus que ligamos às comunidades locais envolventes, interiorizando que a dimensão cultural local pode reforçar a identidade e obstar à impessoalidade da globalização, estranha e imposta.

Assim, entre outros, reflectimos o seguinte: alguma caracterização socio-económica local; a formação permanente como espaço fundamental; a intervenção da população, os contactos com autarquias e as geminações (baseadas na emigração, imigração e parcerias museais na Europa), como formas de pôr em colaboração pessoas e instituições, bem como de concertar esforços para atingir objectivos comuns; o contacto com a escola e o meio, bem como com a Universidade da cidade mais próxima.

Este texto reflecte, entre outras, a necessidade da melhoria da comunicação nos museus de sítio arqueológico que poderá ser atingida num sistema de tensão positiva entre o arqueólogo, o museólogo, o autarca, o professor, os técnicos, a população e os públicos. A arqueologia, a etnoarqueologia, a história, a etnografia e outras áreas do saber, de uma forma interdisciplinar, são chamadas a contribuir para o estudo e valorização dos diversos patrimónios e são igualmente chamadas a colocá-los ao serviço do Desenvolvimento Integral do Homem.

\* Museu Monográfico de Conimbriga 3150 Condeixa.

\*\* Villa romana do Rabaçal, 3230 Penela.

\*\*\* Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa.

### Résumé

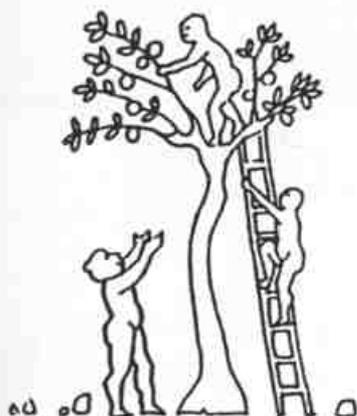
*Cette communication va être consacré à des expériences vécues aux musées de Conimbriga/Condeixa-a-Velha et de Rabaçal/Penela.*

*Ce sont des musées intégrés aux communautés locaux impliquant la dimension culturelle afin de renforcer l'identité et de faire place à l'impersonnalité de la globalisation étrange et imposée.*

*Ainsi nous avons réfléchi, entre autres, sur quelques caractérisations socio-économiques locales; la formation permanente comme un aspect fondamentale; l'intervention de la population; les contacts avec les communes et les jumelages (basées dans l'émigration, immigration et les échanges entre musées); la collaboration entre personnes et institutions; la synergie entre les écoles, l'environnement et l'Université de Coimbra.*

*Entre autres, ce texte reflète la nécessité d'une meilleure communication avec les publics.*

*L'archéologie, l'ethnoarchéologie, l'histoire, l'ethnographie, dans une démarche interdisciplinaire, contribuant à l'étude et valorisation des divers patrimoines, sont appelés à les mettre au service du développement intégral de l'Homme.*



"Sou um ocidental extremo para quem o  
Oriente é a fronteira de Hespânia.  
E sou exactamente o contrário d'isso mesmo  
– sou um ocidental extremo  
para quem, súbdito do mar e do céu,  
não há fronteira nenhuma"

*Fernando Pessoa*

## 1. Introdução

### 1.1. *Conimbriga e Rabaçal romano. Localização dos sítios e alguma caracterização sócio-económica*

Trazemos, aqui, uma reflexão sobre a nossa experiência pessoal desenvolvida no Museu de Conimbriga, no Museu da *villa* romana do Rabaçal e nas comunidades envolventes (mapa 1).





Mapa 1 – Localização de Penela e Rabaçal num extracto da Carta Militar de Portugal, esc. 1: 250.000, folha 3, Serviço Cartográfico do Exército, 1965.

Diremos que Conimbriga (Condeixa-a-Velha) (fig. 1) e Rabaçal se localizam no Distrito de Coimbra e, respectivamente, nos concelhos de Condeixa-a-Nova e de Penela, na bacia hidrográfica do rio Mondego, na sua margem esquerda, a cerca de 30 kms da periférica costa atlântica portuguesa.

Em termos de alguma caracterização socio-cultural, a actual população envolvente de Conimbriga, embora trabalhando a terra, ainda e em parte, apresenta já algumas características sub-urbanas, dada a sua proximidade a cerca de



Fig. 1 – Mosaico do peristilo da Casa dos Repuxos. Conimbriga. Foto Delfim Ferreira, 1980.

2 kms, da vila de Condeixa-a-Nova, onde encontramos uma promissora indústria cerâmica, farmacêutica e de produtos alimentares, bem como uma acentuada ocupação no sector terciário. Coimbra, que lhe fica a cerca de 12 Kms, é o pólo de maior atracção na área, dada a secular implantação da Universidade e a existência de indústrias e serviços de dimensão regional.

Por sua vez, o Rabaçal, que dá o nome à *villa* romana (dada a ausência de testemunhos epigráficos ou textuais antroponímicos), ali descoberta a escassas centenas de metros, é uma aldeia localizada na vertente norte da serra cársica de Sicó (fig. 2). A população desta aldeia apresenta uma forte ligação ao trabalho da terra, tem uma boa produção de vinho e azeite, produzidos em lagares locais e arcaicos, apura uma boa qualidade de mel e consegue uma muito conceituada produção de queijo, dito do Rabaçal, já há muito apreciado, misto de leite de cabra e ovelha, em que se destaca a presença da mulher (com idades superiores a 50 anos), desde a pastorícia até ao seu escoamento.

## 1.2. Enquadramento da reflexão e objectivos

Reflectiremos a experiência do nosso trabalho com a população e os diversos públicos em Conimbriga e na *villa* romana do Rabaçal, à luz de um esforço que vem sendo desenvolvido a vários níveis no nosso país, no sentido da consciencialização das parcelas da nossa identidade.

Cabe hoje a quem investiga um local, um território e uma comunidade, do ponto de vista museal, um papel pedagógico só possível de concretizar de por-

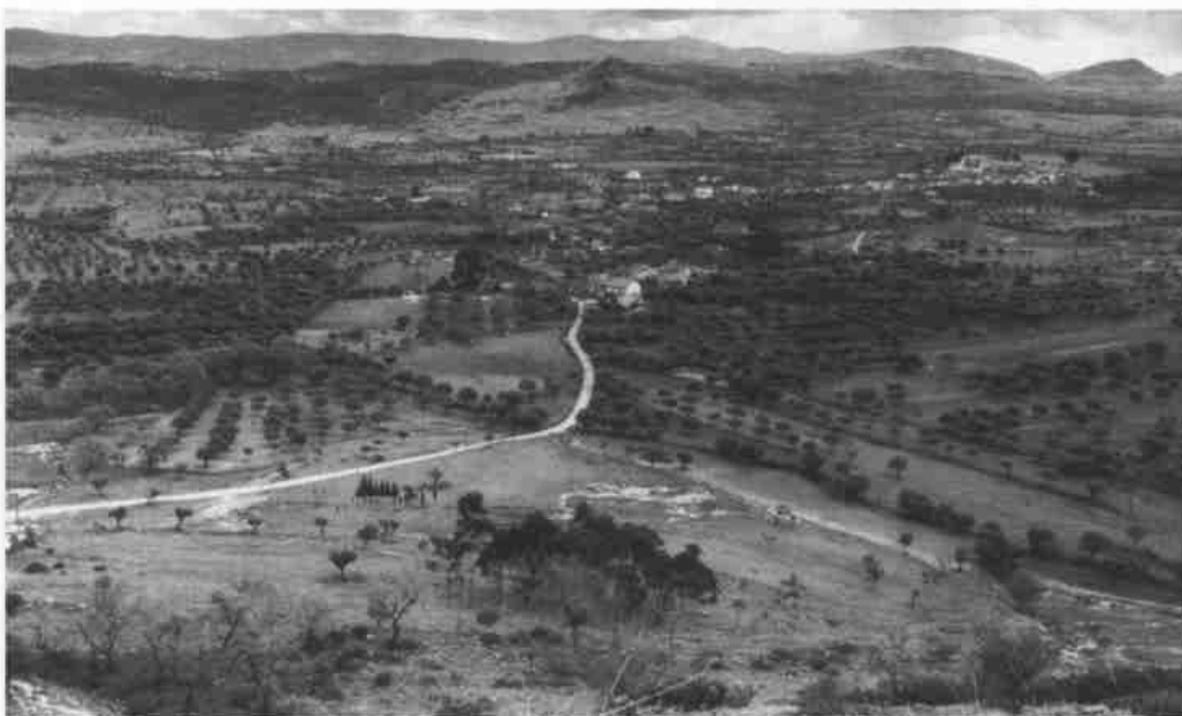


Fig. 2 – Vista do vale do Rabaçal. Paisagem cársica. Foto António Pinto, 2000.

tas abertas, fora e dentro dos limites físicos de cada instituição. A arqueologia, para além do aspecto pedagógico, poderá contribuir poderosamente, de parceria com a etnografia e outras ciências, como instrumento de desenvolvimento auto-sustentado, criando auto-estima e emprego directo e indirecto, nomeadamente na área rural onde estes lugares de estudo estão implantados.

Passamos de imediato, a tocar alguns aspectos do trabalho desenvolvido em Conimbriga e no Rabaçal, cuja apresentação pensamos ser pertinente.

## 2. Formação

### 2.1. Formação permanente

Assim, diremos que ocorrem aos museus de sítios arqueológicos, todos os dias, pessoas das mais variadas idades, formações e proveniências.

Essa presença humana, livre e espontânea, sem a qual o museu não faz sentido, e a memória fixada pelos estudos dos sítios que nos cumpre salvaguardar são, como sabemos, pólos dinamizadores de uma forte comunicação.

É nossa missão, enquanto elementos conscientes da necessidade da dignificação do valor cultural de um lugar, tornar extensiva a sua compreensão no que respeita a todas as épocas nele representadas, incluindo o “hoje”.

### 2.2. Contributos

Nesta acção (que nos cumpre alargar a todas as camadas da população, escolas, associações e turistas nacionais e estrangeiros), o “património das coi-

sas” que o tempo poupou, deve ser vivificado, individualmente, não só pelo conhecimento mas também pelo afecto, pela sobrevivência dos aspectos positivos das tradições, pela memória e práticas latentes em cada um de nós, aqueles e estas tão próprios do “património do coração”, sede simbólica do conhecimento espiritual, como refere Adalberto Alves (1997).

É nossa responsabilidade preparar, nessa medida, percursos onde a linguagem do investigador se encontre com a linguagem da população e dos públicos, levando ao conhecimento de cada pessoa um património da instituição que é o resultado dos efectivos e concretos contributos de quantos nele trabalharam, trabalham ou nele intervenham de algum modo, nomeadamente a nível da gestão.

Disponemos de temas, subtemas e contextualizações, tratados em texto e ilustrações de vários tipos, alternando com os objectos e as estruturas do sítio arqueológico. Temos exposições permanentes, temporárias e itinerantes, diaporamas, vídeos e publicações de vária índole, reproduções fidedignas de peças originais, embriões de malas museológicas e trabalhos em atelier - elementos mediáticos de divulgação. Estes materiais acrescidos da oralidade própria de animadores e intérpretes são elementos que tornam os nossos locais mais compreensíveis e atraentes.

### 2.3. *Exposição contextual*

A observação do quadro real do espaço arqueológico na sua paisagem natural, com fortes marcas que nos chegam da Antiguidade, pode ser também ela própria motivo de interesse pelo incitamento que faz à imaginação, com a qual cada um pode completar as suas impressões, como lembra Patrick O’Byrne (1979). Para além disso a natureza constitui em si mesma um motivo de contemplação revitalizadora (fig.3).

Se não fora um maior afluxo de escolas na Primavera e de turistas no Verão, o visitante comum concluiria facilmente que o museu de uma estação arqueológica reúne condições ideais. Aqui decorre a recolha, o estudo, a conservação, a apresentação e a extensão educativa da memória que ele contém. Na verdade, o desenrolar destas funções internas e externas cumpre etapas ao alcance dos museus em geral.

Afigura-se-nos, necessário porém, no quadro de uma realidade em permanente mutação, criar condições, em simultâneo, com as tarefas atrás referidas, para a realização de experiências pedagógicas de que resultem respostas para o alcance de novas finalidades, próprias de cada geração e esclarecedoras da mensagem que se quer transmitir à população e aos públicos. Para alguns de nós, o verdadeiro desafio do museu nos nossos dias está não só no rigor da investigação ou na qualidade do equipamento disponível mas, em grande medida, no factor humano, tão enriquecedor de qualquer relação cultural e social. As características de novos e mais numerosos públicos, bem como um pessoal de acolhimento, suficientemente mobilizado por acções de formação e por palavras de encorajamento (qualificação do trabalho), constitui-se para nós como ponto nevrálgico das nossas reflexões.

Somos diariamente confrontados com novas realidades como seja: a necessidade da actualização de conhecimentos decorrentes da investigação em curso; a disponibilidade de novos meios de comunicação; um aumento de conhecimentos do público em geral; a necessidade de ligação do património à popula-



Fig. 3- Cascata. Baby canyon. Conimbriga. Foto António Pinto, 1994.

ção e ao meio envolvente; a presença permanente de estagiários; a valorização das rotas da identidade europeia, norte africana e outras; a abertura a uma maior acessibilidade aos espaços arqueológicos descobertos; a necessidade de uma formação interna permanente e a todos os níveis; a indispensável análise alargada a uma realidade através dos diferentes elementos que a ajudam a explicar; uma cada vez mais necessária interdisciplinaridade dos projectos; necessidade de respostas aos problemas sociais existentes ao nível local, regional ou nacional; pertinência do estudo da influência da tradição clássica nas artes contemporâneas e no quotidiano actual.

Trata-se, no fundo, de reunir contributos que são achegas para uma prática pedagógica onde o conhecimento não seja um fim mas um meio para mais e melhor cidadania, onde a exposição incite à participação, à polémica, à reflexão e à crítica, onde o percurso se assuma como alternativa a tantos outros, onde o presente se questione com o que fazer da memória herdada do passado.

Ao abordar os diferentes elementos de uma mesma realidade, a exposição contextual recusa a dimensão estreita do objecto, numa perspectiva funcionalista, e inclui-o na interpretação mais alargada da realidade. A referida contextualidade ultrapassa os muros e os limites artificiais da sala de exposição e do sítio arqueológico, para ganhar a ampla dimensão da população e do território envolvente, com núcleos descentralizados. Não prescinde, quando necessário, do momento de contemplação revitalizadora, da evocação do desenrolar da vida milenar, da informação dos elementos e respectiva análise, da tipologia que sistematiza, da descrição e utilização do artefacto, da amostra do processo de investigação, da encenação de ambientes, do lúdico afastador do preconceito e da valorização estética que nos transporta à dimensão simbólica da realidade.

## 2.4. Campanha “Todos os caminhos vão dar a Roma” – A nossa participação num exemplo de prática interactiva

Para a sensibilização da necessidade de uma prática interactiva nos museus de arqueologia contribuiu, em nossa opinião, a campanha europeia “Todos os caminhos vão dar a Roma”, sob a coordenação geral de Nicole Gesché-Köning do ICOM/CECA. A nossa colega apelou, e bem, para a autonomia e espontaneidade das experiências pedagógicas em curso na Europa. Apelou ainda, para a valorização de todo o tipo de sítios, cuja interligação conjugada (cidades, vilas e aldeias) ajuda a definir o quadro real da dominação romana. Este programa propôs o intercâmbio ao nível da investigação e, paralelamente, ao nível da acção cultural geral de cada lugar.

## 2.5. “Nota do Dia”

Queremos preparar uma acção a que chamamos “A nota do dia”, revelando ao longo dos 365 ou 366 dias do ano uma faceta do impacto da civilização romana no nosso dia a dia. Ela está presente, por exemplo, no alfabeto, no vocabulário, nos meses, nas estações do ano, na origem de cultos e festas cíclicas, na origem dos lugares e das toponímias, no encontro com o nosso 20.º avô, na ligação da Paisagem envolvente à representação faunística e florística em painéis de mosaicos e baixos relevos, no adagiário de tantas profissões e actividades, na existência da expressão “Todos os caminhos vão dar a Roma”, em línguas dos territórios que o domínio romano tocou.

## 2.6. Formas de animação cultural – Contactos personalizados com alunos, professores e outros profissionais

O contacto estreito com professores e alunos das escolas mais disponíveis, em termos de tempos lectivos, tem tornado possível a realização de cursos de iniciação a vários temas, como sejam: a prática e divulgação dos jogos romanos; a realização de torneios inter-escolas a partir dessa prática; a colaboração para criar clubes de arqueologia; a preparação de alunos para receber e acompanhar alunos e professores de escolas mais distantes; a passagem de textos explicativos com a caligrafia própria das idades dos alunos.

Promovemos o encontro entre mosaicistas contemporâneos com artífices que usam o corte de pedra à maneira da Antiguidade Clássica. Deste encontro resultou a execução, nesta técnica, de desenhos de José Luís Madeira e de Eduardo Nery, pela mão e escassilhadeira de Afonso de Oliveira. A mosaicista Catherine Mandron visitou os locais e colocou-nos em contacto com a associação internacional do mosaico contemporâneo.

Procurámos pôr em contacto com a população aqueles que nos visitam e que conosco trabalham. Tentámos também, contribuir para a valorização dos produtos tradicionais e locais (queijo, mel, azeite, frutos secos e ervas medicinais), pela mão dos pequenos produtores locais, reais jardineiros da paisagem. O arcaísmo de algumas actividades de forte ligação à natureza são um referente

de identidade e auto-estima que interessa ter em atenção. O mesmo se passa com as suas formas próprias de religiosidade e com os seus instrumentos musicais, nomeadamente, a arcaica gaita de foles. A paisagem cultural local é, aqui, a herdeira de uma cultura milenar presente em muito do gestual do quotidiano que importa interpretar.

A estreita colaboração com antropólogos tem revelado oportuna a realização de vários estudos. Fica-nos, assim, mais clara a noção de que o objecto não é mais do que uma fase muito restrita de várias actividades como lembra Ernesto Veiga de Oliveira (1971, citando Griaule). O método participativo da investigação etnológica consciencializa-nos para o sentido das dinâmicas que envolvem qualquer actividade produtiva. Foram, nessa medida, iniciados trabalhos na área dos lacticínios, etnobotânica, manifestações religiosas, pirotecnia, fabrico de mós, arquitectura hidráulica, arquitectura de produção, cantaria, mosaico, prensas arcaicas, plantio tradicional, molinologia, fabrico de cal, cestaria e tecelagem.

Como potencial tema de animação ocorre-nos referir Conimbriga e Rabaçal na nomenclatura de empresas e produtos – uma forma de divulgação do património assente na capacidade de iniciativa de pequenas empresas. A sua origem vem-nos do início do século e dá-nos informações sobre uma dinâmica empresarial que nos cumpre acompanhar. Porém, vemos hoje, com amargura, a utilização abusiva de empresas de grande dimensão, utilizando “sem rosto” o nome e a imagem de Conimbriga como instrumento de marketing na venda de uma grande concentração de apartamentos, existentes a cerca de 2 Kms das Ruínas de Conimbriga – uma erosão naquela paisagem. Uma outra situação abusiva ocorre, no que respeita ao Rabaçal, com a apropriação da figura do Outono em mosaico policromo pela marca de vinho “Terras de Sicó”. Também é abusiva a forma como as indústrias de lacticínios ali instaladas se apropriam da marca do queijo “Rabaçal” que, como sabemos, é uma produção tradicional e caseira.

A experiência de trabalho com o público especial, respectivos professores e serviços tem-nos proporcionado a realização de publicações em Braille, plantas e desenhos em relevo, bem como a preparação de percursos adequados.

### **3. Intervenção da população**

#### **3.1. Campanhas arqueológicas**

Temos dado atenção ao papel da população e temos procurado que os jovens, interessados em ocupar os seus tempos livres, participem nas campanhas arqueológicas e em trabalhos etnográficos. Dos primeiros, temos recebido a solidária cedência de terrenos e o esforço do trabalho da escavação; dos segundos, provenientes da vizinhança ou de outros pontos do país e do estrangeiro, fica-nos a vivência em comum do momento da descoberta, emoção esta que será transmitida para o interior de cada família pelos próprios intervenientes, acompanhada da descrição dos objectivos claros que motivaram o desenrolar de uma campanha. A par destas acções, são realizadas visitas com todos os intervenientes a outros locais de trabalho e lazer e, quando possível, são tomadas refeições em conjunto. Esse estar junto reforça o espírito de grupo com reflexos positivos no desenrolar dos trabalhos. Os intervenientes, eles próprios,

acompanham os visitantes aos trabalhos em curso. Esta franca disponibilização de terrenos, força de trabalho, de gestão de alguns pormenores e ainda, empréstimo de colecções, reforça o papel do cidadão *de per se* na recolha e salvaguarda do património arqueológico. De realçar que, pessoas há, entre nós, ligadas a funções de guardaria, que se têm revelado da maior utilidade pela qualidade da informação prestada, preciosa auxiliar da investigação, sobre facetas do legado arqueológico. Elas extravasam capacidades, dignificam a função, rompem constrangimentos próprios duma excessiva hierarquização e ultrapassam a passividade com que essa prestação é por demais rotulada, como reflectimos, por exemplo, em 1983, no Museu de Grenoble, no âmbito da *Museologie Nouvelle et Experimentation Social*.

### 3.2. Apoios financeiros e parcerias técnico-científicas

Os apoios financeiros têm-nos chegado a nível local (Câmara Municipal de Penela, Junta de Freguesia do Rabaçal, Associação de Amigos da *villa* romana do Rabaçal), nacional (Instituto Português de Arqueologia, Instituto Português da Juventude) e europeu (Comunidade Europeia).

A cooperação técnico-científica, referente aos projectos em que estamos empenhados, desenvolve-se a nível regional, nacional e internacional através da Universidade de Coimbra, IPM, IPA, ICCT, IPJ, IPPAR, AIEMA, ICOM, EURO-CULTURES, C.S.I.C., S.A.L. e Comissão Europeia.

Os trabalhos interdisciplinares assentam no cruzar de informação entre arqueólogos, antropólogos, técnicos agrícolas, zoólogos, botânicos, museólogos, espeleólogos, astrónomos, restauradores, animadores culturais, geólogos, químicos e artífices das mais variadas profissões.

### 3.3. O jogo e a gastronomia como elementos lúdicos, pedagógicos e dessacralizadores do museu

Procuramos dignificar os espaços de trabalho e lazer. As visitas a estes locais, para melhor informação do visitante e o contacto directo com as obras e os técnicos, tornam a comunicação mais viva. Nos espaços de lazer, e em particular na cafetaria / restaurante de Conimbriga, a vista estende-se à paisagem. Ali, os jogos evocados em pintura mural e os jogos postos ao dispor do público em geral, têm como autores dois artistas locais. O jogo do Moinho (de que existe um exemplar de cerâmica proveniente das escavações de Conimbriga) que ali mostramos, é muito valorizado pelos visitantes, em particular por aqueles provenientes de certas regiões do Brasil, Alsácia, Itália, Espanha e Alemanha, onde o seu uso é tradicional. As regras do jogo estão descritas em textos policopiados em várias línguas e são também ensinados, oralmente, pelas pessoas daquele serviço de restaurante. É nosso propósito colocar este jogo do Moinho ao dispor dos utilizadores das cafetarias mais próximas. A atrás referida pintura mural alusiva aos jogos é criação do pintor Jorge Pinheiro e recriação do pintor João Pociinho, sob orientação do arquitecto-museólogo Fernando Lanhas.

No restaurante, de muito significativo, são também os pratos inspirados em receitas romanas. O frango à *Apicius* é muito apreciado. Contém, como tempero, baseado no receituário daquele gastrónomo, o mel, produto este muito utilizado pelos romanos – seu principal adoçante, como refere Catão – e tido como um excelente purificador natural, bem como plantas aromáticas em que esta região é muito fértil. O estudo desta flora mediterrânica tem sido objecto de estudos, congressos e feiras. Para além disso, o queijo local, de cabra e ovelha, também ele aqui ao dispor dos públicos, na ementa diária, tem um travo e aroma característicos, provenientes dos pastos espontâneos de tomilhinha (*Thymus, L.*). Pensamos, assim, estarem dados os primeiros passos no sentido de prezar a cafetaria /restaurante, não apenas como espaço de apoio e de consumo, mas também como espaço museológico.

No que respeita ao Rabaçal, convém referir que a Pousada (Património Municipal), contígua ao espaço/Museu, para além de apoio logístico a investigadores e visitantes, fornece algumas refeições que remetem para a gastronomia local e para o consumo de produtos locais. O mesmo acontece com os vários restaurantes ali existentes.

#### *3.4. Projectos de valorização de aglomerados populacionais confluentes em colaboração com autarquias*

Apoiamos os autarcas locais na realização de projectos que visam a valorização de aglomerados em locais próximos dos sítios arqueológicos.

São frequentes os contactos com as Câmaras Municipais e as Juntas de Freguesia.

#### *3.5. Coleccionadores e coleccionismo local. Literatura oral como apoio de investigação*

Para além do contacto com os autarcas, o contacto com a população tem proporcionado a recolha de fotografias antigas, testemunhos orais guardados na lembrança dos mais velhos e mesmo documentos escritos que reforçam o valor da dimensão cultural de um lugar, extravasando a noção de espaço arqueológico fechado, redutor, valorizador de uma época em detrimento de outras. Como sabemos, a fotografia, fixando um momento que não se repete mais, valoriza o espaço do ponto de vista social e artístico; contribui para a interpretação da paisagem natural e cultural; ajuda-nos a compreender a humanização do espaço, o seu abandono, a sua degradação, a sua revitalização e, em suma, ajuda-nos a compreender a mudança (Pinto, Rodrigo, 1993).

#### *3.6. O papel das associações de defesa do património sem fins lucrativos. Organizações Não Governamentais na mobilização das comunidades*

O voluntarismo das associações, sem fins lucrativos, de defesa do património cultural e natural, como é o caso do Ecomuseu local, da Associação de

Amigos da *villa* Romana do Rabaçal e do Núcleo de Espeleologia, tem-nos merecido também, o melhor respeito e atenção. Formados por jovens e outras pessoas das mais variadas profissões, praticam em boa medida um útil trabalho. As suas recolhas, prática de salvaguarda, contactos e nível de documentação que produzem, equipara-as, nalguns casos, a verdadeiros organismos de utilidade pública pelo precioso auxílio que prestam ao desenvolvimento de disciplinas afins. Estudam e divulgam, por exemplo, ao nível da espeleologia, manchas do território subterrâneo inacessíveis à grande maioria da população. Ainda, dentro do espírito associativo, cumpre-nos realçar a descoberta da existência de importantes colecções locais a nível da fotografia antiga, da numismática e da etnografia, fundamentais para a fixação da memória e reforço da identidade.

### 3.7. *Cidades e vilas geminadas*

Uma outra área de comunicação alternativa que tentamos valorizar, diz respeito ao intercâmbio europeu agora iniciado entre Condeixa/Conimbriga e as cidades – vilas geminadas de Pontypool/Caerleon (País de Gales), Bretten/Pfortzheim (Alemanha), Lougumeau/Paris (França), Idanha-a-Nova/Egitânia (Portugal) e entre Penela e Pizzighettone (Lombardia). Pretendemos conhecer e dar a conhecer estas vilas e cidades da Europa, identificadas com a presença de sítios arqueológicos que são conhecidos a nível nacional e internacional. Nesta parceria tentamos, na prática, criar uma rede de contactos entre pessoas e instituições com interesses culturais comuns que tragam reflexos positivos ao dia a dia dos museus e das populações.

## 4. **Contactos com as escolas**

### 4.1. *Interacção escola e meio*

São realizados incentivos junto das escolas, dos professores e seus sindicatos, através de acções de formação que garantem a preparação de visitas, com autonomia, aos espaços arqueológicos e lugares etnográficos. Os clubes de arqueologia e os programas de cursos anuais de interacção escola / meio e dos organismos da educação permanente, são uma outra via de interacção e formação do futuro visitante.

Foram iniciadas, também, recolhas dedicadas ao tema "Museus de arqueologia e paisagem local na obra literária e pictórica".

Têm vindo a ser contactados com frequência, os museus locais e as associações de defesa do ambiente.

### 4.2. *Universidade de Coimbra*

A proximidade da Universidade de Coimbra é para nós de grande utilidade. O seu Instituto de Arqueologia edita, desde 1959, a revista *Conimbriga*, a que, frequentemente, recorremos a nível da investigação. A criação no corrente

ano lectivo de 1998 /1999 do curso de Mestrado em Museologia, na respectiva Faculdade de Letras, pode abrir perspectivas na área da investigação em museus locais e regionais. A cooperação com o Instituto de Antropologia desta universidade deu já bons frutos.

## 5. Reflexão final

Tentámos reunir nesta reflexão as experiências e propostas que, são etapas reveladoras de como a melhoria das condições da comunicação num museu de sítio arqueológico é passível de ser atingida num sistema de tensão positiva entre o arqueólogo, os outros especialistas, os profissionais de acolhimento, os públicos e a população. Encontramos nestas realizações o espírito de voluntarismo tão próprio do que não é excessivamente institucionalizado, o qual muito tem contribuído, em nossa opinião, para a descoberta e dignificação do nosso património arqueológico e outros. Nos vários fazedores destas experiências estão os que, quanto a nós, são os verdadeiros "amigos do público" e os verdadeiros "amigos do museu". Nesta medida, tentamos libertar os talentos e as energias reunidas a partir de uma cadeia de relações interpessoais e interdisciplinares.

A comunicação será, em nosso entender, tão dinâmica quanto mais se cruzarem aspectos vivenciais da actualidade, numa "história sem tempo".

Dizemos assim e, deste modo, não queremos negar que o progresso do conhecimento do conteúdo do sítio, ou seja, o que o museu pretende mostrar como nota de diferença, potenciada na especificidade do rico património arqueológico aqui presente entre nós, não seja de grande actualidade; igual atenção merece a disponibilidade de espaços de qualidade arquitectónica no quadro dos quais se acolhem os visitantes, se apresentam as colecções e onde se reforçam as sociabilidades.

Mas os romanos são aqui, e em qualquer lugar, uma cadeia de continuidade na ocupação do território. Estes vestígios, acrescidos de outras cargas culturais, de que destacamos a do Homem do quotidiano actual, podem servir, excelentemente, para a viabilização do presente e para a construção do amanhã.

Terminamos esta reflexão conscientes de que é fundamental a comunicação directa entre o trabalhador museal e o visitante ou elemento da população. Sabemos que essa comunicação é cansativa porque exige uma grande disponibilidade para o Outro. Sendo assim, esta tarefa tem que ser qualificada pelas hierarquias, sob pena de estarmos a criar desmotivação e passividade. Devem ser valorizadas as acções de formação e devem ser accionados mecanismos de avaliação sobre a eficácia da informação transmitida e da interacção conseguida.

Os sítios arqueológicos aqui referidos, exercem um forte poder de atracção de visitantes (figs. 4-6). Tendo em atenção este aspecto, elaborámos percursos de visita para a população e para o turista cultural e social, onde sugerimos a visita a outros museus e galerias locais, a Património Monumental construído e a Património Natural. A elaboração destes percursos é importante e exige uma clara ligação às diversas comunidades visitadas, sob pena de se estarem a criar "reservas de índios", o que nunca levará ao Desenvolvimento Integral do Homem e das comunidades onde este se insere.



Fig. 4 – Mosaicos da *villa* tardo-romana do Rabaçal, Penela. Foto Delfim Ferreira, 1989.

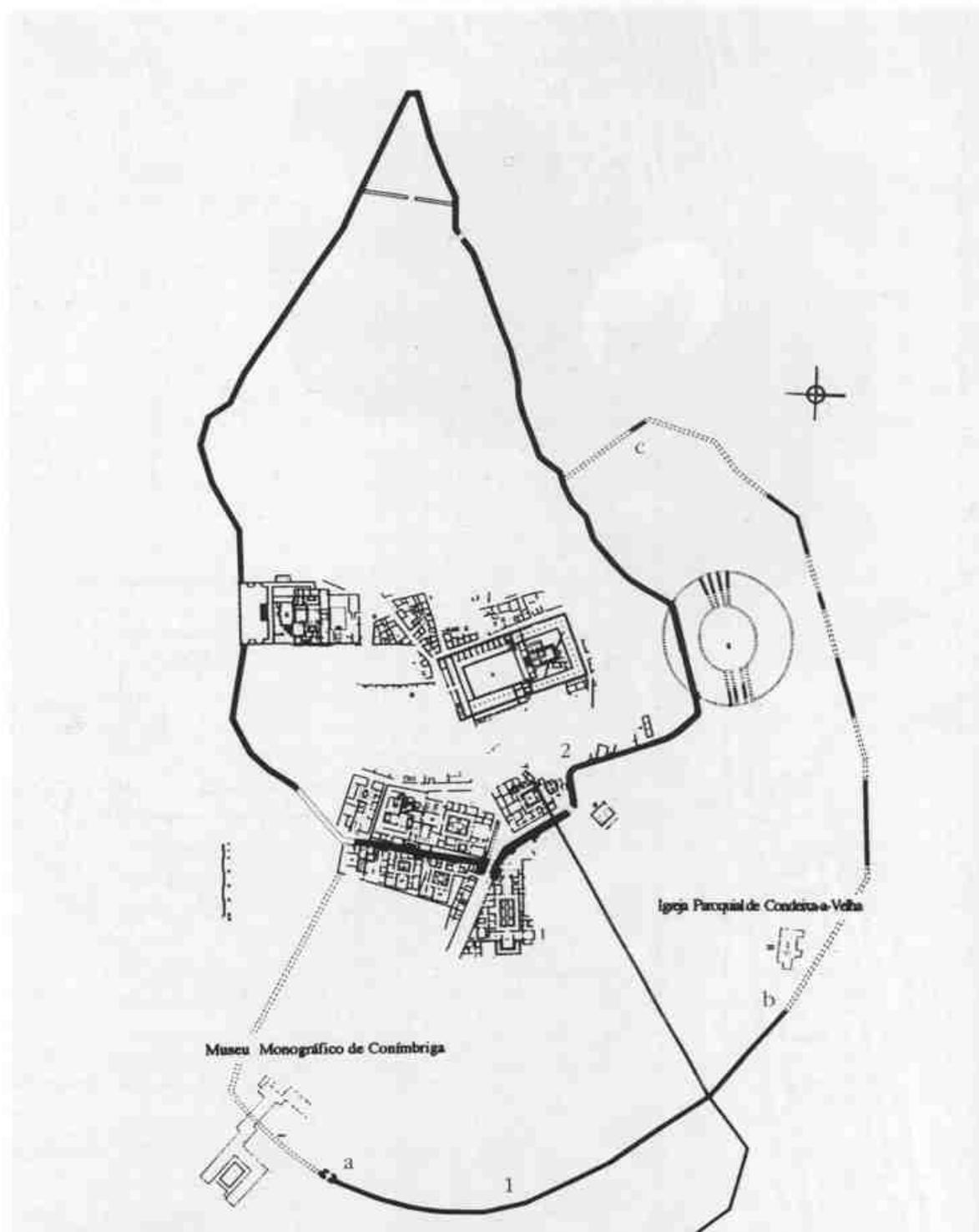


Fig. 5 – Planta geral da cidade romana de Conimbriga, 1991. 1 - Muralha construída no século I para delimitar a cidade. Identifica-se uma porta, a nascente (a), junto do parque de estacionamento. Uma segunda porta deveria situar-se a nordeste (b), na actual Condeixa-a-Velha e uma terceira, a sudoeste (c), na Rua da Fonte, em direcção à ponte romana do rio dos Mouros. 2 - Muralha defensiva, construída de emergência no séc. IV, e respectivas portas.

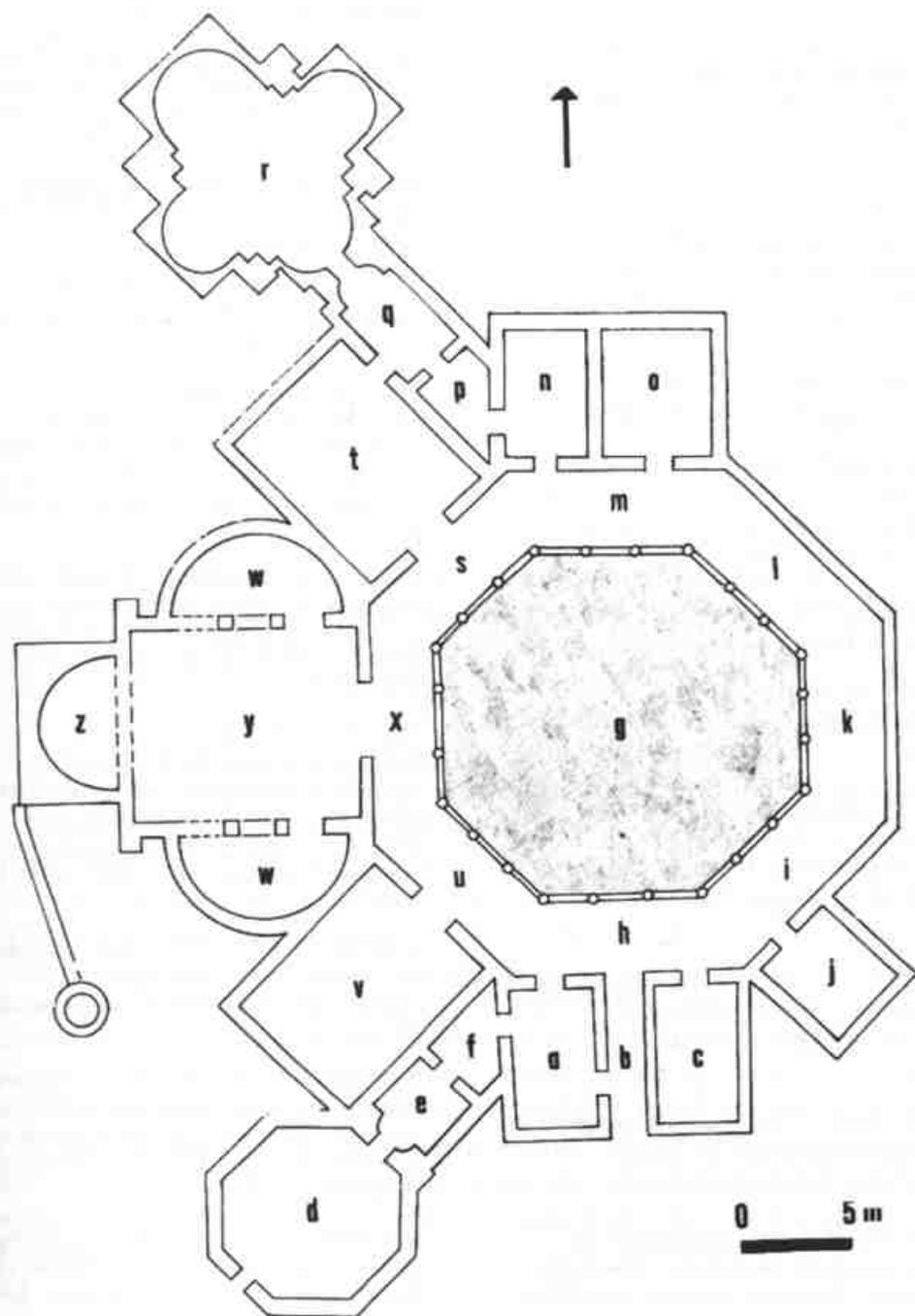


Fig. 6 – Planta da *pars urbana* da *villa* romana do Rabaçal: a, b, c, d, e, f – Entrada, atendimento e torre de belver; g, h, i, k, l, m, s, x, u – Peristilo central, octogonal, com pórtico de 24 colunas; n, o, p, q, r – Salas de comunicação com serviços, a norte; v, t, w, y, z – Zona nobre de acolhimento e refeição. Desenho de José Luis Madeira, 1993.

## Bibliografia

- ALARCÃO, J. de (1988) – *Roman Portugal*. Warminster: Aris & Phillips. vol. II.
- ALMEIDA, F. F. d' [et al.] (1983) – Aspectos faunísticos, florísticos, geológicos e geográficos do Paúl de Arzila. *Ciências Biológicas, Ecológicas*. Coimbra. 5, p. 43-78.
- ALVES, A. (1997) – Qalbi arabi – o património Arabo-Islâmico em Portugal. In *Memórias Arabo-Islâmicas em Portugal*. Lisboa: Comissão Nacional dos Descobrimentos Portugueses. p.57-58.
- AMZALAK, M. B. (1953) – *Catão e a agricultura*. Lisboa: Academia de Ciências.
- ANZIEU, M. (1968) – *Energia de produção e energia de manutenção*. Selecção de textos do Prof. Albano Estrela. Lisboa: Curso de Museologia do IPPC, 1982.
- BERNFELD, D. (1993) – Le musée "participé". *Museum*. Paris. 179: 3, p. 50-52.
- LEHMBRUCK, M. (1974) – Musée et architecture. *Museum*. Paris. 26: 3/4, p. 129-267.
- O' BYRNE, P.; PEQUET, C. (1979) – La programmation, un outil au service du conservateur, du maître d'ouvrage et du maître d'oeuvre. *Museum*. Paris. 31, p. 94-96.
- OLIVEIRA, E. V. de (1971) – Apontamentos sobre museologia. *Museus etnológicos. Estudos de Antropologia Cultural*. Lisboa. 6.
- PESSOA, M. (1991) – *A muralha augustana de Conímbriga – elementos de estudo*. Condeixa-a-Nova. Edição do Autor.
- PESSOA, M. (1994) – *Uma geminação de olhares com saudades de futuro – Condeixa, Sicó, Monsanto, Terras de Namora*. Condeixa: Casa Museu Fernando Namora.
- PESSOA, M. (1996) – Moedas romanas de Conímbriga na Colecção da Quinta de Santo António, em Condeixa. In *Miscellanea de homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*. Lisboa: Colibri. p. 449-472.
- PESSOA, M. (1997) – Um apito anelar romano de Conímbriga. *Conímbriga*. Coimbra. 36, p. 165-175.
- PESSOA, M. (1998) – *Villa romana do Rabaçal – Um objecto de arte na paisagem*. Penela: Câmara Municipal.
- PESSOA, M.; PEREIRA, I. (1981) – Moedas romanas de Condeixa – achados dispersos (Colecção Álvaro Pedro Augusto). *Filatelía e Numismática*. Lisboa. 5, p. 28-30.
- PESSOA, M.; POCINHO, J. (1986) – *Desdobrável para a Feira do Queijo Rabaçal*. Penela: Câmara Municipal.
- PESSOA, M.; PONTE, S. da (1985) – *Desdobrável para a Feira do Queijo Rabaçal*. Penela: Câmara Municipal.
- PESSOA, M.; RODRIGO, L. (1990) – Caboqueiros de mós em Condeixa-a-Velha, Conímbriga. In *Encontro sobre o Património Industrial*, 1.º, Coimbra. Lisboa: Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial. vol. 2, p. 1-27.
- PESSOA, M.; RODRIGO, L. (1997) – Parras e uvas em mosaico romano, castas tradicionais e lagar arcaico em terras de Conímbriga, Rabaçal e Pombalinho. *Atalaia*. Lisboa. 3, p. 177-185.
- PINTO, A.; RODRIGO, L. (1993) – La dimension sociale de la photo dans la mise en valeur de l'espace. In *Actes du Colloque sur la Valorisation de l'espace et sa dimension culturel: les dommages de la construction dispersée*, Coimbra. Bruxelles: Eurocultures. p. 253-254.
- RIVIÈRE, G. H. (1974) – Processus du programme et du projet pour la construction d'un musée. *Museum*. Paris. 26: 3/4, p. 268.
- RODRIGO, L. [et al.] (1994) – *Percursos – Penela, Rabaçal, Arzila, Condeixa – Percursos de sonho e práticas na defesa da memória de todos*. Condeixa: Associação Ecomuseu.
- RODRIGO, L. [et al.] (1997) – *Catálogo de desenhos de João Pocinho – Gestos, espaços e lazer – raiz de futuros*. Condeixa: Associação Ecomuseu.
- RODRIGO, L.; PESSOA, M.; SANTOS, S. (1998) – *Proposta de programa para o centro de apoio ao turismo cultural e social no meio rural de Sicó – Rabaçal, aldeia cultural*. Rabaçal: Associação de Amigos da Villa Romana.
- TERUGGI, M. E. (1973) – La table ronde de Santiago du Chile. *Museum*. Paris. 25 (3), p. 129-133.